

Notas da Prisão (conclusão)

(Moabiter Notizen)

Erich Honecker

A RDA, as suas realizações e a sua liquidação

Milhões de trabalhadores edificaram literalmente uma nova indústria na RDA sobre as ruínas da II Guerra Mundial. Reconstruíram as fábricas, apesar das múltiplas desmontagens efectuadas a título das reparações,¹ por exemplo, a siderurgia de Brandeburgo. Construíram igualmente ramos industriais inteiros que não existiam anteriormente no território.² Segundo os organismos internacionais, a RDA figurava no grupo dos dez Estados industriais mais desenvolvidos.

¹ As reparações, indemnizações pelas campanhas de rapina da Wehrmacht de Hitler principalmente na Polónia e União Soviética, foram fixadas no Acordo de Potsdam. A RDA foi particularmente penalizada uma vez que teve de cumprir obrigações suplementares que a zona ocidental se recusou a cumprir. Jörg Fisch, especialista de Munique, caracterizou as reparações pagas pela RDA com as maiores conhecidas no século XX. Maiores ainda do que as impostas pelo Tratado de Versalhes à Alemanha depois da I Guerra Mundial, embora estas nunca tivessem sido integralmente pagas. Siegfried Wenzel, chefe da Comissão do Plano, escreveu em *Ossietzky* 3/2005: «A RDA pagou à União Soviética não só as reparações previstas no Tratado de Potsdam, no valor de dez mil milhões de dólares, mas ainda quase mais de metade deste valor. Pagou cerca de 50 vezes mais do que a RFA. A preços de 1953, cada habitante da RFA pagou 42 marcos, enquanto cada habitante da RDA pagou 5500 marcos, ou seja, 130 vezes mais. Na RDA, não só foram desmontadas 2500 das melhores fábricas logo a seguir à guerra, como também lhe foi exigido um quarto da sua produção até 1953.» No «Apelo ao Governo da República Federal da Alemanha», assinado por 55 professores, em 1989, o historiador Arno Peters (Bremen) exigiu que a RFA compensasse a RDA «pelas dívidas das reparações», num montante de 727 mil milhões de marcos (a preços de 1989). Esta soma resultava da distribuição equitativa por todos os cidadãos da Alemanha das indemnizações pagas pela RDA, calculadas pela Agência de Reparções inter-aliados, acrescidas de juros normais.

² É verdade que depois de 1945 foram edificados ramos industriais anteriormente inexistentes no Leste. Inicialmente isso deveu-se à necessidade de cumprir as reparações à União Soviética. Por exemplo, construíram-se estaleiros para cobrir as necessidades de navios, que por sua vez exigiam o desenvolvimento da indústria pesada. Também o aumento da procura de carruagens necessitava de aço em grandes quantidades.

A *Deutsche Reichsbahn* [companhia de caminhos-de-ferro da RDA] disponibilizava à indústria infra-estruturas ferroviárias de qualidade, apesar de a segunda via-férrea³ não ter ficado inteiramente concluída até 1989. Sem esta infra-estrutura o desenvolvimento da indústria não teria sido possível.

Até 1958, importantes complexos químicos e centros de engenharia encontravam-se na posse dos soviéticos, aspecto que hoje não é levado em conta. Havia 26 sociedades soviéticas que agrupavam as grandes empresas, cuja produção era destinada à União Soviética, muito debilitada economicamente pela agressão alemã.

Outro exemplo é o da sociedade germano-soviética *Wismut*,⁴ que até 1989 foi financiada maioritariamente pela RDA, no que respeita a instalações fabris, meios de produção e mesmo construção de alojamentos para os operários.

Estas observações não pretendem denegrir em nada os esforços feitos pela União Soviética, que foram decisivos para o desenvolvimento da RDA. Só a estreita colaboração com a URSS permitiu criar a base do desenvolvimento da RDA em todas as suas fases. Mas se tivermos em conta estes e muitos outros factos históricos nunca será demais salientarmos as grandes realizações dos operários e empregados, técnicos e cientistas da RDA.

No momento da sua criação, a RDA não dispunha de nenhuma base industrial ou de matérias-primas em que pudesse apoiar-se. As fronteiras estabelecidas entre as zonas de ocupação puseram fim à unidade económica que restava da Alemanha. Na prática assistiu-se a um autêntico bloqueio, primeiro contra a zona de ocupação soviética, depois contra a RDA.

Os cidadãos da RDA eram pelo menos tão produtivos como os da RFA. As suas realizações criaram as condições necessárias para garantir o direito ao trabalho, à educação, ao descanso e ao lazer – à construção de uma sociedade solidária. Graças ao empenho dos operários, camponeses e cientistas, à participação activa do Governo, a RDA foi o único país socialista a resolver o problema alimentar dos seus cidadãos.⁵ Graças à boa colaboração entre a indústria, a agricultura e a ciência, desde 1981 que se produziam mais de 11 milhões de toneladas de cereais e outros produtos agrícolas. As cooperativas permitiam aos camponeses exercer o seu dinamismo,

³ A «segunda via-férrea» foi desmontada em 1945 no âmbito das reparações. Mas o conceito também é utilizado como metáfora geral para as desmontagens realizadas na zona soviética. [As vias-férreas podem ser vias únicas ou vias duplas, que facilitam o tráfego nos dois sentidos, sem necessidade de paragens em estações ou desvios. (NT)]

⁴ A sociedade germano-soviética *Wismut* foi fundada em 1947 no âmbito das reparações de guerra e agrupava várias empresas de extracção mineral, designadamente de urânio. (N. Ed.)

⁵ Esta afirmação ao autor não nos parece muito rigorosa, uma vez que é sabido que a URSS resolveu o problema alimentar da sua população ainda durante os anos 30, assim como foi capaz, por si só, de alimentar os exércitos durante na II Guerra e ainda prestar ajuda alimentar a países libertados. Assinale-se igualmente que a URSS foi o primeiro país europeu a abolir as senhas de racionamento logo em 1948. Com efeito, só a partir dos anos 60, em consequência dos resultados desastrosos das políticas agrícolas conduzidas por Khruchov, a União Soviética se viu obrigada pela primeira vez a importar cereais do Ocidente. Por outro lado, é o próprio Honecker que reconhece no capítulo anterior (ver parte IV, pág. 6) que a RDA dependia das exportações soviéticas de cereais e que a sua redução nos anos 80, em três a quatro milhões de toneladas, obrigou o governo a comprar cereais nos mercados internacionais. (N. Ed.)

proporcionando-lhes um salário e boas perspectivas. Tudo isto foi violentamente destruído em 1989. O mercado da ainda RDA foi inundado com produtos ocidentais. Batatas, fruta e outros produtos locais foram deixados a apodrecer.

Na sequência da introdução de leis federais alemãs e da política agrícola da União Europeia, destruíram-se as cooperativas de produção. Dos 800 mil empregos na agricultura, hoje restam 200 mil.

Nunca se deve esquecer que os fornecimentos de matérias-primas soviéticas eram indispensáveis à economia da RDA até 1989. Os políticos e teóricos que consideram que a RDA deveria ter assumido uma posição autónoma no âmbito da comunidade socialista esquecem que o país não podia existir sem a estreita aliança com a URSS, nem seguir um caminho diferente do seu parceiro de aliança. Isto é claro para os políticos realistas.

Basta tomarmos como exemplo os fornecimentos de matérias-primas e materiais soviéticos entre 1981 e 1985 para se poder demonstrar esta verdade elementar. Neste período, a URSS forneceu 95 milhões de toneladas de petróleo, 32 mil milhões de metros cúbicos de gás, 21 milhões de toneladas de carvão, 8,5 milhões de toneladas de minério de ferro, 4,8 milhões de toneladas de ferro em bruto, 211 500 toneladas de cobre, 65 mil toneladas de alumínio, 7,7 milhões metros cúbicos de fibra de madeira, 257 mil toneladas de celulose e 440 mil toneladas de algodão, bem como outros produtos importantes.

Deve ficar claro que, perante o completo boicote económico da RFA e dos aliados ocidentais, a URSS foi a garantia da construção da RDA e do seu desenvolvimento permanente. Aqueles que pretendem reescrever a história não podem ignorar este facto. Sem esta ajuda, nem a classe operária mais competente, os camponeses mais capazes e a intelectualidade mais inteligente teriam conseguido fazer da RDA um país industrial e agrícola tão poderoso como era ainda em 1989.

Agora procura-se *à posteriori* desacreditar a economia da RDA, apresentando-a como estando ao nível de um país em vias de desenvolvimento. A verdade é que nestes cálculos só se leva em conta os sectores que não ameaçavam as fábricas alemãs ocidentais.

Por exemplo, a indústria química da RDA foi seriamente delapidada porque havia capacidades excedentárias na indústria química ocidental. A indústria têxtil da RDA foi destruída porque a Alemanha Ocidental tinha de diminuir capacidades. O mesmo é válido para as indústrias siderúrgicas e metalúrgicas, as empresas de electrónica, os estaleiros navais e outros ramos industriais.

A desindustrialização da RDA é um crime contra todas as pessoas competentes que construíram uma nova indústria durante décadas. A desindustrialização é uma vergonha cultural porque destrói o trabalho que é a base da cultura.

Sublinho-o mais uma vez: as fábricas químicas não foram destruídas na RDA porque a química cheira mal. As fábricas químicas no Ocidente ou em qualquer outro lado também cheiram mal. Não, a destruição deveu-se apenas a razões de concorrência.

É igualmente idiota e simplesmente indigno procurar apagar da história alemã as realizações culturais da RDA. Não penso só em realizações fundamentais e transformadoras como o sistema educativo, criado após a destruição do fascismo hitleriano; na construção sistemática de creches e jardins-de-infância e outras instituições para crianças; na criação e desenvolvimento de uma escola secundária

politécnica moderna, que facilitava a integração na sociedade de todas os jovens do povo; no sistema de formação profissional que dava acesso a um posto de trabalho; no alargamento do ensino superior e do sistema de saúde; na acção das diferentes academias. Estas foram e continuam a ser grandes realizações ao serviço da cultura, reconhecidas em todo o mundo. A longo prazo não é possível negar tais factos.

Também não é possível negar o elevado número de monumentos e lugares de memória que foram construídos de raiz e que continuam a ser visitados por dezenas de milhares de pessoas do país e do estrangeiro. Quando se fala destes lugares não se pensa só naqueles que foram construídos ou reconstruídos há 20 ou 30 anos, mas também naqueles que, pouco tempo depois da libertação, foram renovados e reabertos ao público. Penso na construção de certos teatros em Berlim, assim como no Museu Nacional, no Teatro Nacional de Weimar e no *Zwinger*⁶ de Dresden.

Deve recordar-se a reconstrução da *Deutschen Staatsoper*, do *Deutsche Theater*, do Teatro *Kammerspiele*, da [sala de concertos] *Schauspielhaus* na praça Gendarmenmarkt, da *Französischen Dom* no Palácio da República,⁷ da Casa dos Pioneiros no parque de Wuhlheide, do centro desportivo e tempos livres, da *Ópera Semper* de Dresden e da [sala de concertos] *Gewandhaus* em Leipzig. Criaram-se inúmeras instituições mais pequenas, sob a tutela da Academia da Artes, como, por exemplo, a *Otto-Nagel-Haus*, a *Arnold-Zweig-Haus*, a *Brecht-Haus*, a *Ernst-Bush-Haus* e muitos outros centros da vida cultural e intelectual alemã como Weimar.

No período do desenvolvimento das relações entre RDA e a RFA, várias personalidades da RFA, que hoje têm cargos importantes, declararam-se impressionados pela forma como a RDA tinha sabido reconstruir os lugares culturais ou dotar-se de novos. Nessa época diziam que era um exemplo inspirador para a RFA. Hoje fala-se disto de maneira diferente, ou então não se fala. Contudo as realizações da RDA falam por si.

A situação na Alemanha hoje

Entre fins de 1989 e meados de 1990 consumou-se aquilo que hoje é normalmente designado por anexação da RDA pela RFA. Contrariamente a tudo o que os círculos governamentais da RFA afirmam, não é a direcção da RDA, mas sim a RFA que tem a responsabilidade pelo que se passa actualmente no antigo território da RDA.

Já em 1987, por ocasião da minha visita à RFA, tentei refrear os ardores unificadores do Governo Federal. Entre outras coisas, notei que a unificação do socialismo e do capitalismo era como juntar a água e o fogo. Esta afirmação não constava no manuscrito do discurso que preparei para a recepção do chanceler. Mas

⁶ Palácio na cidade de Dresden, edificado na primeira metade do século XVIII e reconstruído após a II Guerra, alberga importantes colecções de arte. (*N. Ed.*)

⁷ Excepto o Palácio da República, construído em 1951, como sede do Parlamento da RDA e Casa da Cultura aberta à população, todas as outras instituições culturais ou monumentos referem-se a ex-libris históricos da cidade de Berlim, de grande importância na vida cultural alemã e berlinense. O Palácio da República, igualmente um ex-libris da vida política e cultural da RDA, foi demolido em 2006, apesar dos inúmeros protestos e petições, nacionais e internacionais, contra a sua demolição. Só a Comissão de Petições do *Bundestag* analisou e recusou 880 protestos. (*NT*)

perante as suas surpreendentes e provocadoras afirmações contra a RDA, completamente diferentes do que tinha declarado nas conversações à porta fechada, achei necessário dizê-lo.

Os acontecimentos ocorridos desde os dias de Outono de 1989 confirmaram que, de acordo com a minha visão das coisas, não é possível unificar dois sistemas antagónicos.

No momento da queda do muro, as esperanças eram enormes e as emoções estavam ao rubro. Agora a Alemanha está unificada, mas a nação continua dividida.

Até ao momento as condições de vida e de trabalho não foram niveladas, o abismo entre ricos e pobres é cada vez mais visível. Apesar de todos os trejeitos pangermânicos que, depois do *Anschluss*,⁸ prometiam a todos uma vida melhor e nunca pior, aconteceu o contrário. Tratou-se, na realidade, de uma fraude eleitoral. O governo federal imiscuiu-se fortemente nos assuntos da RDA.

Imagine-se qual teria sido o resultado da União Democrata Cristã (*CDU*) se o chanceler Kohl tivesse declarado abertamente aos eleitores que, de acordo com as estimativas do Conselho de Sábios, haveria quatro a cinco milhões de desempregados, as rendas de casa aumentariam de três a dez vezes e que grande parte das prestações sociais seriam eliminadas.

Com o tempo foi-se tornando cada vez mais claro que a *Treuhand*⁹ não é um organismo para a boa administração das empresas, mas sim uma sociedade para desbaratar o património do povo, entregando as empresas do Estado a preços de saldo nas «*mãos fiáveis*» dos *trusts* capitalistas, no interesse dos seus próprios lucros.

As consequências desta política e da avidez de lucro sem escrúpulos foram o encerramento de empresas, o desmantelamento radical de parques industriais e despedimentos em massa.

Os cidadãos da RDA sentiram verdadeiramente o que significa economia de comando, através da *Treuhand* criada pelo governo de Modrov. Os senhores da *Treuhand* sabiam o que faziam. Não se tratava de *descartelizar* os grandes combinados, esses núcleos essenciais da economia da RDA, mas sim de destruir as empresas e combinados para eliminar concorrentes. Pretender que o socialismo inventou a nacionalização de ramos industriais, a regulação estatal da economia, é um conto para ingénuos. Nenhum capitalista sério acredita nisso. Na RFA há empresas públicas e direcção estatal da economia, como em todos os países capitalistas. Já no tempo de Guilherme II os caminhos-de-ferro alemães e as minas do Ruhr eram propriedade do Estado.

A liquidação das empresas públicas da RDA foi um chorudo negócio para os capitalistas. Os seus lucros aumentavam ao mesmo tempo que multiplicavam as queixas a respeito dos volumosos investimentos na RDA. Com o crescimento do

⁸ *Anschluss* é o termo histórico utilizado para designar a anexação da Áustria pela Alemanha nazi. (NT)

⁹ O Conselho de Ministros da RDA, liderado por Modrov, aprovou, a 1 de Março de 1990, a criação da «*Organização para a Fiel Administração da Propriedade Pública*» (*Treuhand*). Este organismo devia defender a propriedade pública e administrá-la no interesse público. A principal tarefa desta primeira *Treuhand* consistiu em desconcentrar combinados industriais e transformar as empresas sucedâneas em sociedades de capital. O seu primeiro presidente foi Peter Moreth (*LDPD*), vice-primeiro-ministro do governo de Modrov.

desemprego esperam agravar a exploração dos que ainda têm trabalho. Os desempregados pressionarão os salários.

Se a ocupação da RDA veio confirmar alguma coisa foi o facto de a economia de mercado, que não é mais do que a economia do lucro capitalista, excluir grande parte dos operários e dos empregados, camponeses e também dos intelectuais. Isto também não pode ser contestado por aqueles que procuram atribuir à «*extenuada*» economia da RDA o mal por eles provocado.

O que está por trás de toda esta agitação contra uma RDA que já não existe, mas que pelos vistos não desaparece suficientemente depressa?

Porque se cobre de lama o PSUA no seu conjunto, a sua direcção, o governo? Porque se organizou uma caça às bruxas contra todos os colaboradores do partido e do aparelho do Estado, contra a segurança de Estado, contra os soldados e oficiais do Exército Nacional Popular, contra as tropas fronteiriças, contra professores, médicos, cientistas, jornalistas e artistas? Tudo isto só agravou mais ainda a miséria na Alemanha oriental. Centenas de milhares de famílias com as suas crianças foram lançadas numa situação de desespero. As perspectivas de futuro são tudo menos cor-de-rosa.

O desemprego não desaparecerá. Aos desempregados de Oeste somaram-se os do Leste. Durante muito tempo não haverá salário igual para trabalho igual. Nas regiões Leste continua a pagar-se 60 a 70 por cento do salário ainda em vigor¹⁰ nos antigos *länder*. Isto é maximização do lucro que torna os pacotes de acções dos verdadeiros senhores da Alemanha ainda mais lucrativos.

O desemprego é uma tragédia para todos. Ninguém o conhecia na RDA. Acompanhará no futuro mulheres, homens e jovens pelo menos enquanto durar o capitalismo na Alemanha.

As declarações de algumas personalidades dirigentes do PDS, segundo as quais a democracia burguesa é o sistema mais progressista que existiu até ao presente, não os honra, assim como não os honra a ajuda que deram à destruição do «*sistema stalinista*» na RDA, cuja política consideram reaccionária. Omitem deliberadamente que na RDA «*stalinista*» não havia desemprego, insegurança social, medo do futuro.

Não adianta negar: sob a bandeira da luta contra o «*stalinismo*» conduziu-se a luta contra o socialismo, como antigamente a luta contra o comunismo foi conduzida sob a bandeira da luta contra o bolchevismo. A coisa não é tão nova como isso.

Não adianta disfarçar: a destruição da RDA socialista foi geradora de miséria. As preocupações das famílias dos mais de quatro milhões de desempregados são motivo suficiente de reflexão.

Também Gysi devia reflectir, ele que, no seu discurso de encerramento no Congresso Extraordinário do PSUA-PDS, caluniou a antiga direcção do partido e declarou que o principal resultado daquele Congresso era a derrota do stalinismo. Hoje é considerado moderno etiquetar comunistas íntegros de stalinistas. Mas o «*stalinista*» Dimitrov,¹¹ sob os aplausos da opinião pública mundial, venceu o

¹⁰ Spiegel-online de 11 de Junho de 2007: «*Dezassete anos depois da reunificação ainda se ganha sensivelmente menos no Leste do que no Oeste. Os salários no Leste, de acordo com uma sondagem, são em média 20 por cento mais baixos do que no Ocidente – em muitos empregos a diferença ainda é superior.*»

¹¹ Geórgui Dimitrov (1882-1948) foi secretário-geral do *Komintern* de 1935 a 1943, primeiro-ministro da Bulgária a seguir a 1946. Dimitrov, que se encontrava clandestino na

devorador de bolcheviques Göring no combate pela verdade. Isso deu-nos ânimo a nós, combatentes da resistência, no Reno e no Ruhr, em Essen e Dortmund. Oberhausen, Moers, Düsseldorf e noutros lugares, na luta contra a barbárie hitleriana.

A mentira sobre a «*RDA stalinista*» reventará um dia como rebentou a mentira no processo do incêndio do *Reichstag*. As causas da tragédia que se abateu no espaço de uma noite sobre a RDA surgirão à luz do dia. A afirmação de alguns «renovadores» de que a RDA teria sobrevivido se a direcção do PSUA se tivesse aliado de imediato à *perestroika* da direcção soviética foi entretanto desmentida pelo triste facto de a própria União Soviética ter desaparecido por causa da sua política da *perestroika*. A *perestroika* e a *glasnost*, como já era perceptível em 1988, conduziram à destruição da União Soviética e com ela à liquidação do socialismo.

Era assim tão difícil de prever que o *Anschluss* da RDA pela RFA, conforme ao art. 23 da sua Lei Fundamental,¹² não só se destruiria o sistema produtivo da RDA como implicaria a restauração do capitalismo?

Quem, então, enganou quem? Os que durante décadas alertaram contra este perigo ou aqueles que procuraram obter este triste resultado?

Sim, mesmo que um grande número de cidadãos manipulados ainda não queira aceitar a verdade, hoje há que constatar claramente que os «renovadores» de 1989/90, quisessem-no ou não, foram objectivamente serventuários da contra-revolução. Os que se sentem atingidos devem esclarecer este assunto consigo próprios. O povo foi enganado pelos que participaram activamente na destruição das bases do Estado dos operários e camponeses.

Na RFA eram bem conhecidos os pontos fortes e fracos da nossa economia. Desde o início das relações comerciais entre os dois Estados que a RFA dificultou ou interrompeu abruptamente estas inúmeras vezes. A RFA também estrangulou as relações comerciais da RDA com outros Estados ocidentais. Será que se quer fazer esquecer a doutrina Hallstein?¹³

Era conhecido que cerca de 70 por cento do comércio externo da RDA era feito com a União Soviética e outros países socialistas. O fim deste comércio afundaria inevitavelmente a economia da RDA. Só as transacções comerciais com a URSS, que

Alemanha em 1933, foi acusado de ter incendiado o *Reichstag*. O processo espectacular tornou-se num desastre para os nazis. Dimitrov declarou na sua defesa final: «*Admito que falo de um modo rude e vivo. Mas a minha vida e a luta que levei a cabo também o foram. No entanto, a minha maneira de falar é franca e sincera. Tenho o hábito de chamar as coisas pelos seus nomes. Não sou um advogado que tem a obrigação de defender o seu cliente. Defendo-me enquanto acusado comunista; defendo a minha própria honra comunista revolucionária; defendo as minhas ideias, as minhas convicções comunistas; defendo o sentido e o conteúdo da minha vida.*» [citação conforme Jorge Dimitrov, *Obras Escolhidas* em seis volumes, Ed. Estampa, Lisboa, 1976, Vol. 2, p. 187. (N. Ed.)]

¹² Artigo da Constituição da RFA que prevê a integração na federação de outros estados alemães. (N. Ed.)

¹³ A doutrina Hallstein, nome do secretário de Estado do MNE da RFA, foi posta em prática por Bona em 1955. Estabeleceu o princípio de que a República Federal interromperia as relações diplomáticas com um país que estabelecesse relações diplomáticas com a RDA. O objectivo era isolar a RDA internacionalmente. A doutrina baseava-se na pretensão da RFA em representar exclusivamente todos os alemães, incluindo os cidadãos da RDA.

além do mais eram especializadas em 40 a 60 por cento, atingiram 66,4 mil milhões de marcos-valuta em 1988.

A RDA não tinha dívidas à URSS, contudo, em 1990, atraso de pagamentos da União Soviética à RDA era na ordem dos 27 mil milhões de marcos-valuta.

Como já hoje se verifica, a RFA terá muitas dificuldades em desenvolver um tão amplo comércio externo com as Repúblicas da ex-União Soviética. Por exemplo, de acordo com as informações de Ammendorf,¹⁴ um vagão cisterna custa hoje à Rússia cinco vezes mais do que no tempo da RDA.

Estes factores exercem os seus efeitos em quase todos os ramos industriais. O palavreado sobre a economia «*extenuada*» da RDA, de Kohl e Waigel¹⁵ e dos seus *golden boys* em diversos meios de comunicação, não resiste ao facto de a RDA ter um volume anual de transacções comerciais com a RFA de 15 mil milhões de marcos. A isto soma-se o comércio externo com os outros países socialistas. Eis alguns factos:

URSS: (1970) de 15,4 mil milhões a 66,4 mil milhões em 1998

Polónia: (1970) de 2,4 mil milhões a 12,2 mil milhões em 1988

Checoslováquia: (1970) de 3,7 mil milhões a 14,6 mil milhões em 1988

Hungria: (1970) de dois mil milhões a 9,9 mil milhões em 1988

A amplitude destas relações, a que se deve acrescentar o comércio com os países capitalistas e com os do Terceiro Mundo, e que assentava na correspondente oferta de produtos industriais e agrícolas, testemunha a boa saúde da nossa economia.

A RDA dispunha de instalações modernas no domínio da petroquímica, que tinham sido entregues «chave na mão» por empresas alemãs ocidentais, finlandesas, austríacas, francesas e japonesas.

A metalurgia de Eisenhüttenstadt era a mais moderna da Europa. A separação dos produtos do petróleo em Schwedt atingia os 70 por cento.¹⁶

É sabido que, com excepção do carvão e da potassa, a RDA não dispunha de nenhuma matéria-prima economicamente importante. Tinha de importá-las.

A nossa agricultura conseguia assegurar o abastecimento alimentar interno e, na última década, passamos a exportar carne, manteiga e batatas.

De que serve pois desacreditar as realizações dos trabalhadores? Só através do seu trabalho duro e criativo e do potencial intelectual desenvolvido no nosso país foi possível melhorar as condições de vida.

A RDA tinha o melhor nível de vida de todos os países socialistas. Ainda que os *media* da RFA só mostrem imagens de fachadas degradadas, é um facto que, nos

¹⁴ Ammendorf é uma zona da cidade de Halle, na Alta Saxónia, onde se concentrava uma importante indústria química e de metalomecânica. (*N. Ed.*)

¹⁵ Theo Waigel foi ministro federal das Finanças de 1989 até 1998 e presidente da União Social Cristã na Baviera (CSU) de 1988 a 1999.

¹⁶ O processo de separação do petróleo é um indicador do nível da tecnologia. Gasolina, querosene e diesel são obtidos num primeiro tratamento. Nos processos de conversão seguintes, os hidrocarbonetos são «enobrecidos», isto é, são preparados enquanto materiais diversos para a indústria química. Teoricamente pode produzir-se tudo a partir do petróleo. Neste domínio, a RDA era mais eficiente do que URSS, o seu fornecedor de petróleo, o que não agradava a esta última: afinal obtinha-se mais resultados com estes produtos do que com o petróleo puro.

últimos 20 anos, se construíram e modernizaram 3,7 milhões de habitações, e assim um grande número de famílias obteve um apartamento digno. Só em Berlim construíram-se e modernizaram-se 30 mil alojamentos por ano, em Karl-Marx-Stadt 26 mil e no distrito de Dresden 22 mil. A superfície de habitação média aumentou de 12 m² em 1949 para 27 m². Paralelamente a este esforço não conseguimos evitar a degradação de um número considerável de edifícios.

Certamente que não conseguimos realizar tudo o que queríamos. Isso não justifica, contudo, que se utilizem expressões como «*desastre económico*» para apagar da História as realizações de milhões de pessoas. Recordemos que, no final da II Guerra Mundial, iniciada pelo imperialismo alemão, 40 por cento de todas as instalações industriais e 70 por cento de todos os centros de produção de energia se encontravam destruídos no território da ex-RDA.

Para avaliar razoavelmente o desenvolvimento económico é necessário levar em conta todos os factores, incluindo o facto de a RDA ter suportado o peso principal das reparações de guerra impostas à Alemanha. Os constrangimentos existentes não permitiram destinar meios suficientes para a preservação do meio ambiente, em particular nas zonas de concentração da indústria química, o que provocou sérios danos.

Agora, algumas pessoas alegam que vivíamos acima das nossas possibilidades. É verdade que as importações há muito que superavam as exportações. Mas essas pessoas, que sabem exactamente o que se passava, esquecem-se de dizer que éramos forçados a importar para além do que desejaríamos para fazer face a problemas como o aumento dos preços das matérias-primas. Assim, depois da explosão dos preços do petróleo,¹⁷ em vez de 14 rublos, passámos a pagar 172 rublos por tonelada. De 1975 a 1985, só devido ao aumento dos preços do petróleo e do gás, tivemos de pagar mais 145 mil milhões de marcos mediante entrega de mercadorias.

Podíamos ainda citar muitos outros factos da nossa política económica e social. Não realizámos tudo, mas muito foi feito, apesar de os primeiros anos terem sido muito mais difíceis para nós do que para a RFA. Contudo, os cidadãos da RDA demonstraram que tinham condições para edificar uma sociedade progressista.

A evolução na Alemanha mostra que a questão social, tal como no passado, permanece no centro do debate. Os anos posteriores à anexação confirmam-no. Nada mudou na essência da sociedade capitalista baseada no «*eu*». A cada dia que passa sente-se cada vez mais a falta de uma sociedade baseada no «*nós*».

A tão glorificada nova liberdade priva o indivíduo da mínima segurança. Já não se pode falar de protecção. Hoyerswerda, Rostock-Lichtenhagen, Mölln e Solingen¹⁸ são

¹⁷ Até ao início dos anos 70, o preço do petróleo no mercado mundial manteve-se estável em torno dos dez dólares por barril (159 litros). Em 1973, o preço quadruplicou para 40 dólares num curto espaço de tempo, nível em que permaneceu durante alguns anos. Em 1980 voltou a subir de forma exorbitante atingindo mais de 80 dólares. Depois, até 1986, o preço voltou a cair até aos 30 dólares por barril. Os preços dos fornecimentos de petróleo soviético à RDA (e a outros aliados) estavam indexados aos preços do mercado mundial, mas com um deferimento de cinco anos. Isto significou que, em meados dos anos 80, a RDA pagava pelo petróleo soviético um preço superior ao do mercado mundial.

¹⁸ No início dos anos 90 desenrolaram-se excessos racistas nestas localidades. Em Hoyerswerda, em 1991, houve ataques racistas a vários lares de exilados e de trabalhadores estrangeiros, no final dos quais os imigrantes tiveram de ser transferidos para outras regiões. A expressão «*livre de estrangeiros*» foi considerada a anti-expressão do ano de 1991. Em

mais do que uma advertência. A explosão da criminalidade ameaça a segurança de todos. A vida tornou-se mais dura. Os cidadãos da RDA desconheciam tudo isto, desconheciam a recessão económica e tudo o que ela significa para as suas vidas.

O desemprego em massa, antes uma expressão desconhecida para os cidadãos da RDA, tomou dimensões nunca vistas desde a crise económica dos anos 30. Seis milhões de desempregados: é esta a cara com que o capitalismo se apresenta hoje na Alemanha.

Hoje alguns têm de confessar que não imaginaram este destino quando se entoou a canção da «mudança». «Ninguém viverá pior», estas palavras do «chanceler de todos os alemães»,¹⁹ que ainda soam nos ouvidos de muitas pessoas, não se concretizaram. Para milhões produziu-se o contrário.

Deve-se perguntar hoje como era possível na RDA assegurar às pessoas trabalho, pão, habitação a preços acessíveis, educação e formação?

Na RDA havia 9,5 milhões de postos de trabalho. A desindustrialização destruiu metade. Foram vítimas do lucro que encheu abundantemente os bolsos do grande capital. Muitas pessoas encontram-se na pobreza e em situação de necessidade em consequência desta barbaridade. Frequentemente mãe e pai estão desempregados.

Poder-se-ia fazer uma lista interminável de destinos de pessoas, que não pouparam esforços nos estaleiros, na indústria pesada, na indústria têxtil, na química, na siderurgia, na metalurgia, na indústria mineira, no sector electrotécnico, na investigação, na cultura, na saúde e na educação.

Recordemos também os 3,4 milhões de pessoas que ainda em 1988 podiam descansar no Mar Báltico e vários outros milhões que o podiam fazer noutras regiões. Recordemos as crianças que podiam brincar nos acampamentos das empresas e dos Pioneiros, na República dos Pioneiros em Werbellinsee, no Parque dos Pioneiros «Ernst Thälmann» e noutras instituições, ou os berlinenses que podiam descansar no Centro de Tempos Livres e Descanso no bairro operário de Friedrichshain.

Muitos sabem hoje por experiência própria que a sociedade baseada no «eu», no marco, sempre e só no dinheiro, é muito pior do que afirmavam os políticos e professores da RDA. Naturalmente que não podiam prever o restabelecimento do capitalismo em todo o território da Alemanha, nem prever as suas consequências;

Rostock-Lichtenhagen, em Agosto de 1992, aconteceram os mais graves tumultos xenófobos da história alemã do pós-guerra, de que resultou o incêndio de um lar para exilados. A 23 de Setembro de 1992, num incêndio provocado por neonazis em dois prédios em Mölln, morreram três cidadãos turcos, dos quais duas crianças. Na sequência dos pogroms em Hoyerswerda e Rostock e do atentado incendiário em Mölln, a 26 de Maio de 1993, o Bundestag alterou o direito ao asilo (art.º 16 da Lei Fundamental). Três dias mais tarde seguiu-se outro atentado na cidade alemã ocidental de Solingen. Dois prédios habitados cidadãos de origem turca foram incendiados. Morreram cinco pessoas (duas mulheres e três raparigas). Um bebé com seis meses, uma criança de três anos e Bekir Genç de 15 anos foram transportados para o hospital em perigo de vida. Bekir Genç sofreu queimaduras graves, tendo sido submetido a 30 operações e transplantes de pele. Outros 14 membros da sua família sofreram ferimentos, alguns muito graves.

¹⁹ No discurso a propósito da entrada em vigor da União Monetária, Económica e Social a 1 de Julho de 1990, o chanceler Kohl declarou: «Posso dizer aos alemães da RDA, como o primeiro-ministro de Maizière também sublinhou, que ninguém ficará pior do que antes e muitos [ficarão] melhor.»

não podiam prever o restabelecimento das antigas relações de propriedade na indústria e agricultura.

Quem podia ter imaginado que uma empresa com um valor de 800 a 1000 milhões fosse vendida ao desbarato por um marco?

A «*livre*» economia de mercado penetra em todos os domínios. As conquistas sociais alcançadas em 40 anos estão condenadas a desaparecer.

O que existiu na RDA testemunha a existência concreta dos direitos humanos elementares e não só a sua declaração no papel.

Porém, hoje não seria realista assumirmos a tarefa de restaurar a RDA. Realista é colocarmos o objectivo de conservar o máximo possível da RDA na Alemanha actual, salvaguardar o máximo possível dos direitos sociais. Agora há que resolver as questões vitais sob as novas condições de vida.

A Alemanha, maior e mais rica, tem muitas potencialidades, mas é actualmente sacudida pela crise, como a maioria dos países capitalistas. Não pode haver futuro sem a participação activa dos trabalhadores, sem a luta pela manutenção e ampliação dos seus direitos. Sobretudo há que impedir que o caminho iniciado em Solingen termine em Auschwitz.

Observações finais

No planeta Terra, já muito deteriorado ecologicamente, as pessoas colocam-se a questão do que as espera no segundo milénio. Ninguém pode dar uma resposta definitiva. Mas podem enunciar-se, sem receio, algumas verdades fundamentais.

O mundo não ficará como é presentemente. As contradições entre os hoje poderosos e os oprimidos agudizar-se-ão e com elas também a luta entre as classes. E isto independentemente de teóricos e políticos de esquerda evitarem hoje utilizar a palavra luta de classes e outros conceitos da teoria marxista, cujo conteúdo está claramente definido, ou substituírem-nos por bênçãos pseudo-científicas ao capitalismo.

Será inútil esforçarem-se por banir os nomes de Karl Marx e Friedrich Engels, os pais do socialismo científico.

Quer se queira quer não, no mundo capitalista actuam as leis que Friedrich Engels revelou no seu livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* e que Marx provou cientificamente em toda a sua obra.

A autoconfiança que os vencedores hoje ostentam dissipar-se-á. A Alemanha capitalista ainda está longe de ter digerido a RDA. Os cidadãos da RDA têm a sua experiência de vida sem milionários, *trusts* e latifundiários alemães ocidentais.

Depois de a RFA ter engolido a RDA, é cada vez mais claro o que a Alemanha pretende ao afirmar que quer assumir uma maior responsabilidade no mundo.

Não há dúvida de que a ânsia de domínio comporta muitos perigos e incógnitas, não só para a Alemanha, mas também para o mundo. Contudo também se pode sobrestimar as suas forças.

Que contradições surgiram com a evolução na Europa? Que papel desempenhará, por exemplo, a França? Será que a *Grande Nation* se deixará esmagar pelo abraço da Alemanha?

Os EUA também ameaçam gravemente a paz com a sua vontade de dominar o mundo. Mas também o arrogante polícia mundial norte-americano não colocará o mundo em ordem. Os problemas e conflitos nacionais e sociais, que aguardam uma solução, não deixarão as árvores dos poderosos nos EUA crescer até ao céu.

Que papel quer e virá desempenhar a Alemanha imperialista em aliança com o «*parceiro condutor*»?

Observando as diferentes regiões do mundo, indagamo-nos sobre que saída se encontrará? A evolução do mundo árabe com a sua diversidade está cheia de contradições... Qual será o futuro na América Latina? Continuará a ser o quintal dos EUA? Que caminhos seguirá o continente africano?

Que papel desempenhará o Japão? Como se concretizará a evolução entre o Ode e o Atlântico? Como será a evolução na ex-URSS ou nos outros antigos países socialistas europeus? Os povos continuarão a deixar-se empurrar para a miséria?

Não é exagero dizer que o capitalismo se enredou num novelo de contradições que forcem uma solução. Com a fé infantil de que «*o mercado tudo soluciona*» não se resolve nenhum dos problemas da Humanidade. Por isso aparecerão inevitavelmente novas forças sociais, que alcançarão e organizarão novas relações sociais.

Ou a humanidade é conduzida ao abismo pelo capitalismo ou vencê-lo-á. A última [hipótese] é a mais plausível, porque os povos querem viver.

Apesar de todas as dificuldades e perigos, apesar da situação sombria, estou e estarei confiante. O futuro pertence ao socialismo.